



UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE “AS ESCOLHAS DE QUEM SENTE QUE NASCEU NO CORPO ERRADO!”

Jaqueline Denardin¹

1 DIZERES INICIAIS

Neste trabalho analisaremos algumas sequências discursivas que foram selecionadas aleatoriamente. Estas sequências discursivas são recortes das transcrições das falas de personagens na série “*Quem sou Eu?*” á qual foi transmitida pela REDE GLOBO de Televisão, no programa dominical *Fantástico* entre os meses de março e abril do ano de 2017.

Para este trabalho nós analisaremos como recorte de *corpus* o primeiro, de quatro episódios, pois este, fala sobre as “escolhas” dos sujeitos trans e da mudança de um gênero para outro.

Portanto, é com base nos dizeres sobre orientação e identidade sexual, a ideia de mulher transexual e a transgeneridade, presentes nestes discursos das sequências discursivas selecionadas que pautaremos nossas análises neste trabalho.

Também não poderíamos deixar de fora os ditos e não-ditos pelo discurso médico sobre a transexualidade e os sujeitos transexuais.

2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E ANÁLISE

No início do episódio de abertura da série, os apresentadores Tadeu e Poliana trazem informações dicionarizadas sobre os termos trans e transgênero, para que os telespectadores compreendam os significados sobre o tema que a série vai retratar. Um dos jargões falados pelos apresentadores é que a série irá dizer sobre “as escolhas de quem sente que nasceu no corpo errado”, frase que impõe um padrão

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração: Linguagem e Sociedade, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista - CAPES. E-mail: jaquinedenardin@hotmail.com. Orientadora: Dantielli Assumpção Garcia – UNIOESTE.

de corpo sobre o corpo do outro, como se efetivar as mudanças físicas corporais fosse uma regra para os transexuais, de maneira que não existam exceções em fazê-las. Além disso, aponta para um sujeito que seria livre para fazer as escolhas que quer, um sujeito que não estaria afetado pelo inconsciente e pela ideologia.

Logo no começo, Renata Ceribelli, ao falar dos sujeitos trans, traz o seguinte questionamento: “imagine que o que você olha não é o que você vê?” Uma proposta que desloca o sujeito transgênero de uma posição, evidenciando que precisa estar adequado às normas de feminilidade – quando for mulher trans – e às normas de masculinidade – quando se tratar de um homem trans – não podendo ser diferente: uma mulher com aparência masculinizada ou um homem com aparência feminilizada, por exemplo.

Como será perceptível no decorrer deste capítulo de descrição do *corpus* (como não analisaremos todas as sequências discursivas, resolvemos compor esse capítulo de descrição do *corpus* para apresentar um panorama geral do que é possível encontrar em cada episódio da série), alguns personagens têm um destaque maior em relação aos outros. Como nos diz Sodré (1986), ao analisar o modo como o personagem é colocado em cena no jornalismo:

Há muitas maneiras de escrever uma história mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. (SODRÉ, 1986, p. 125).

Confirmando a citação anterior, na sequência da série, aparecem relatos de sujeitos transgêneros, dentre os quais se coloca em questionamento a posição dos sujeitos que não são trans, em relação aos que são, dizendo e descrevendo, por exemplo, que os homens mudam o tratamento com uma mulher a partir do momento que descobrem ou sabem que ela é transexual; que os sujeitos não trans precisariam ser trans por um período para entender o que os trans sentem, numa perspectiva de que esses sujeitos, após essa experiência de troca de lugares, entenderiam o quanto os sujeitos trans ainda sofrem por conta do preconceito, aliado à falta de conhecimento de outros indivíduos.

Renata Ceribelli inicia o primeiro episódio dizendo que a personagem Alice, do conto infantil *Alice no País das Maravilhas*, representará os sujeitos transgêneros, afirmando que, assim como Alice na história, os transgêneros têm pressa em responder quem são (como se não soubessem sobre si, não tivessem autoconhecimento).

Entendemos que o termo “Alice”, na série, funciona como materialidade discursiva que, conforme Pêcheux (2015, p.151), deve ser entendida “enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades”, mas que remete às condições verbais da existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada”, substitui metaforicamente o termo “trans”. A série recorre o tempo toda à história infantil *Alice no País da Maravilhas* como uma forma de contextualizar a transexualidade com base no efeito metafórico. Como afirma Pêcheux (1997), o efeito metafórico caracteriza-se por uma substituição contextual, o que implica um deslocamento dos sentidos. Nas palavras do autor:

Chamaremos o efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo de “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”: em outros termos, um sistema “natural” não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua. (PÊCHEUX, 1997, p.96).

O efeito metafórico, que sustenta a série, é a substituição da personagem Alice por outras personagens que, no discurso jornalístico, são os sujeitos trans, os quais têm seu “perfil” exposto em rede nacional a cada programa de domingo. O primeiro exemplo desse sujeito trans, trazido pela série, é o caso de Melissa, ou simplesmente Mel, como prefere ser chamada. Mel tem 11 anos e é uma menina transexual. No início da entrevista com Mel, Renata Ceribelli questiona sobre o uso de maquiagem como uma afirmação de sua feminilidade, o uso da maquiagem para afirmar que é uma mulher e está condicionada a um ideal de feminino, que passa pelo uso de maquiagem; a menina responde que não, pois ela sempre se sentiu mulher, independentemente de maquiagem.

Ao conversar com os pais, a repórter faz várias perguntas, diante das quais o pai revela que sentia um incômodo com a situação de ver a filha se vestindo como mulher, participando de brincadeiras socialmente designadas para meninas, até o momento em que Mel pediu aos pais que lhe dessem de presente de aniversário a transformação de menino para menina. Os pais procuraram auxílio de um médico no Instituto de Psiquiatria de São Paulo, onde tiveram contato com outros pais que vivenciavam a mesma situação: pais de crianças transgêneras.

Foi apresentado na série um encontro desses pais de crianças transgêneras que recebem auxílio do Instituto. Tal encontro evidenciou a situação em que uma mãe faz o relato sobre alertar a criança de um sofrimento futuro pelo qual passará ao se tornar um sujeito trans, como se a pessoa pudesse escolher entre ser ou não trans. Outros pais relatam que a primeira impressão sobre o filho era de homossexualidade, devido à falta de conhecimento e informações sobre a transgeneridade.

A partir da fala dos pais sobre homossexualidade, sobre o gay, a série traz um médico psiquiatra, chamado Saadeh, para explicar que a homossexualidade está relacionada à orientação sexual, ou seja, que a orientação sexual está relacionada ao desejo sexual, por quem o sujeito sentirá atração sexual; ser transexual é uma outra situação e está relacionada à questão de identidade de gênero. Diferentemente da orientação sexual, a identidade de gênero é condicionada à binaridade do masculino e do feminino, pertencendo o masculino ao homem e o feminino à mulher. No caso da pessoa trans, ela não se identifica com o gênero da sua genitália de nascimento, ou seja, se nasce com pênis, mas se sente mulher, é o caso da mulher transexual; ou, ainda, se nasce com vagina, mas sente-se homem, são os homens transexuais.

Ainda nesse encontro de pais, eles falam sobre a falta de informação a respeito da transexualidade; também relatam que ser trans é pior do que ser homossexual. A transexualidade é algo que traz sofrimento para a criança e para a família, segundo a série, tanto que alguns casais entram em conflito e chegam à separação. Foi o caso dos pais de Mel, citada anteriormente, os quais chegaram a se separar, mas que depois reataram.

Ao conversar com os pais de Mel, Renata direciona a pergunta para o pai sobre a dificuldade de aceitar a filha trans, prevendo que, para o homem, é mais difícil do que para a mulher, até porque a mãe de Mel foi culpabilizada pelo marido e familiares pelo comportamento da filha, pelo fato de Mel ser uma menina trans. Então, o pai de Mel relata que a primeira lição que aprendeu com o médico Saadeh é que ninguém, nem mesmo os pais, podem mudar o gênero do/a filho/a.

A série traz a explicação científica da medicina para a transexualidade. O médico Saadeh explica que, por volta da 10^a semana de gestação, a genitália do bebê é formada; enquanto isso, o cérebro está em processo de estruturação e, por volta da 20^a semana, é que o cérebro estrutura a parte que pertence à identificação com a genitália. No caso dos transgêneros, a genitália não corresponde com o gênero ao qual a estrutura do cérebro se identifica, ou seja, a genitália é masculina, mas o cérebro estruturou-se como feminino, ou a genitália é feminina e o cérebro tem estrutura masculina, que corresponde, respectivamente, à mulher e ao homem trans.

O médico ainda diz que a transexualidade se manifesta na faixa-etária de dois a quatro anos de idade, pois, com essa idade, a criança já tem condições de dizer se é menino ou menina, se pertence ao gênero masculino ou feminino. Saadeh também afirma e informa que a transexualidade não tem influência do meio social, já que, se assim fosse, não existiria, uma vez que não há nada que incentive a ser transexual na sociedade.

Nesse contexto médico sobre a transexualidade, a série utiliza-se do caso de Mel para falar sobre o processo de transição²; nessa situação do masculino para o feminino, de menino para menina, inicia-se o bloqueio hormonal, com o objetivo de “neutralizar a puberdade”, para que Mel não desenvolva seu corpo como homem e nem como mulher. Durante esse processo, que durará até os 16 anos, outros profissionais, como psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas, assistente social, entre outros, são chamados a dizer se Mel está apta a continuar o tratamento da

² Aqui, temos o que Sodré (1986) falará sobre a criação, no jornalismo, dos personagens. Mel passa a ter o perfil exposto, como se o que passou com ela fosse representativo do que se passa com todos os sujeitos trans.

transexualidade, que será baseado em hormônios, a fim de constatar se Mel de fato se sente mulher, nesse caso, mulher trans.

Há uma ênfase em dizer que o tratamento hormonal é reversível, uma etapa passível de arrependimento e, por isso, seria necessário esse tempo de reflexão do sujeito trans para propiciar sequência ao processo de tratamento e transição.

Finalizando o primeiro episódio, a série traz Mel em sua escola, dentro da sala de aula, com a professora e poucos colegas de classe. Ela conta que havia dito aos colegas que, após as férias letivas, voltaria como menina, pois antes era Miguel, e que estava feliz com os colegas que a haviam aceitado como Mel. Ela afirma estar mais feliz, visto que, agora, ela tinha escolhido ser feliz e, para ser feliz, precisava ser a Mel, a menina transexual de 11 anos de idade.

O discurso médico aparece na série nos dizeres dos diferentes profissionais da saúde ao enunciarem sobre os sujeitos trans. Na primeira SD a ser analisada, retomamos o dizer de Alexandre Saadeh, que, no contexto em que a série está acontecendo, explica sobre a formação de uma criança desde o momento de sua concepção, passando pela formação de áreas específicas relacionadas à sexualidade, como a genitália e o cérebro, ao justificar o que houve com Melissa, menina transexual, que é a principal personagem do primeiro episódio.

SD 1 Médico Alexandre Saadeh: no **embrião humano né**, a, **a genitália** se forma por volta da décima semana, enquanto isso, **o cérebro** está em desenvolvimento, mas, por volta da vigésima semana, se define **a área que dá a identidade de gênero** que a gente chama.

No início da SD, o referido médico marca uma distinção entre o ser humano e o restante dos animais, afirmando e ao mesmo tempo duvidando, o que fica perceptível com o uso do advérbio “né” - uma marcação que nos remete a pensar que a transexualidade, que é o tema em discussão na série, não é percebida ou não ocorre em outros animais, que não os seres humanos.

Ainda, na mesma SD, o médico relaciona o órgão sexual “a genitália” com o cérebro, sugerindo o complemento de um em função do outro, ao dizer que a genitália se “forma”, portanto, tem um modelo que é biologicamente estabilizado – vagina, pênis,

ou ambos, como é o caso do intersexo – não podendo ser outros, mas que esses modelos não necessariamente correspondem à função dessa genitália, que é esperada pela sociedade, mas sim, sobre como essa função é atividade do cérebro, quando a parte responsável se desenvolve. Isso comprova o fato de que a função sexual do sujeito está condicionada ao que o seu sistema nervoso, controlado também pelo cérebro, indicar, portanto, não está associado àquilo que a sociedade esperará, de acordo com as suas normas impostas, que são alicerçadas em dizeres religiosos, por exemplo, o matrimônio na Igreja Católica - que é somente permitido e aceito a partir da união de pessoas de sexos diferentes, ou seja, um homem e uma mulher.

O médico ainda diz sobre a “área que dá a identidade de gênero”, ou seja, novamente, sobre o seu discurso, ele afirma que a identificação com o gênero é algo dado e não construído socioculturalmente. Porém, como mostramos na discussão sobre as teorias *queers*, o gênero com que o sujeito irá se identificar na sociedade é algo construído por essa mesma sociedade e pelos sujeitos no contato com outros sujeitos. Portanto, identificar-se com um gênero ou outro, ou ainda com nenhum, é algo que cabe somente ao sujeito como processo de identificação. Todavia, para o discurso médico, essa identificação efetiva-se em uma área “dada”, no momento de gestação que, como afirma o médico, é por volta da vigésima semana gestacional.

Discutindo sobre a formação de um bebê ainda em gestação, sua genitália e, posteriormente, possível sexualidade, o médico Alexandre Saadeh afirma na SD a seguir:

SD 2 Médico Alexandre Saadeh: genitália masculina, um cérebro masculino, genitália feminina, um cérebro feminino, **ou o contrário**, a genitália masculina, **mas o cérebro** se estruturou como feminino ou a genitália feminina e o cérebro se estruturou como masculino.

Na SD acima citada, o médico ainda fala sobre a personagem principal da discussão, que é a menina transexual Melissa, e, nesse momento, ele explica cientificamente como se concretiza a ocorrência do nascimento de um sujeito que pode vir a ser transgênero, posteriormente, o sujeito transexual. No início da SD, o médico explica a formação do sujeito cisgênero, aquele sujeito que nasce com a genitália dita masculina, o pênis, e o cérebro corresponde ao que é esperado

socialmente de quem tem a genitália masculina, e aquele sujeito que nasce com a genitália dita feminina, a vagina, e o cérebro corresponde ao que é esperado socialmente de quem tem a genitália feminina.

Na mesma SD, o médico salienta sobre como se forma o sujeito transgênero. Ao utilizar-se da conjunção coordenada de adversidade - “mas” - que indica contrariedade, pois há na SD a palavra contrário, ele desconsidera tudo o que foi dito anteriormente sobre o sujeito cisgênero, a fim de explicar o que é e como se forma o sujeito transexual, colocando tais pessoas em um contexto diferente do sujeito cis, expondo e marcando que esses sujeitos, os transgêneros e transexuais, fogem à regra do biológico de formação dos sujeitos.

Ao mesmo tempo em que coloca esses sujeitos como diferentes desde o momento de sua formação gestacional, a conjunção “mas” pode ser entendida também como substantivo que abrevia o masculino, afirmando e legitimando a existência do sujeito transgênero, conseqüentemente, o sujeito trans: “mas o cérebro” - existência reafirmada pelo discurso científico do médico. Na adversidade, estaria a contradição subjetiva dos indivíduos interpelados pela ideologia.

Esse discurso médico-científico é tomado como referência para discussão no segundo episódio, ao abordar sobre a personagem Andreia, uma mulher transexual que fala sobre suas dúvidas com alguns profissionais relacionados à área da saúde. Andreia conversa com médicos de diferentes especialidades e uma psicóloga.

Nesse contexto, ela questiona os profissionais sobre as mudanças que aconteceram, acontecem e aquelas que ainda acontecerão em seu corpo; a médica Karen Seidel responde, como podemos observar na SD a seguir:

SD 3 Médica Karen Seidel: Se ela tiver fazendo o acompanhamento regular, usando os medicamentos direitinho, na dose que a gente prescreve, ela, em torno de dois anos, já estará assim, uma mulher linda, maravilhosa, do jeito que ela deseja.

Na SD acima citada, dita pela médica, ela discorre sobre o “acompanhamento regular”, que soa como um meio para interditar o sujeito de o ser/fazer com autonomia, pois afirma que ele precisa estar regularmente sendo acompanhado por

um profissional. Continuando seu dizer, ela afirma ainda que esses sujeitos precisam fazer o uso de medicamentos e reafirma o acompanhamento regular, quando fala sobre fazer o uso de tais medicamentos, visto que esses sujeitos devem seguir as doses prescritas pelos médicos. É o discurso médico que legitima a existência desses sujeitos e a possibilidade de que possam intervir em seus corpos. Sem a legitimidade do discurso médico, esse sujeito não é “livre” para agir sobre si e seu corpo. Isso marca a autoridade do discurso médico que diz como o sujeito pode ou não agir.

A médica ainda continua sua intervenção no programa e usa o adjetivo invariável “assim”, fazendo referência a si própria para dizer a Andreia que ela pode ser uma mulher como ela, com seus adjetivos: “uma mulher linda, maravilhosa”; nesse sentido, a médica coloca-se como superior a Andreia e finaliza dizendo que é isso que Andreia deseja “do jeito que ela deseja”, como se Andreia tivesse inveja e quisesse ser como a própria médica, por isso, faz o uso de medicamentos.

Os dizeres da médica mostram como o sujeito trans ainda depende de que um outro sujeito - sejam os profissionais relacionados às áreas de saúde e assistência social - autorize que possa ser o que deseja. Isso também é marcado na SD a seguir, dita pelo médico Eloísio Alexandro:

SD 4 Médico Eloísio Alexandro: a pessoa que tá vivenciando isso, nesse processo ela segue um acompanhamento, faz um acompanhamento psicológico, psiquiátrico, ou pela equipe de saúde mental, e no seu momento ela vai dizer se deseja ou não algum procedimento de modificação corporal cirúrgico.

Na SD acima, ainda no contexto de sanar as dúvidas de Andreia, o médico começa dizendo sobre “a pessoa que tá vivenciando isso”, ou seja, não é o profissional que vive e sente o que os sujeitos trans sentem e vivenciam em seu dia a dia, mas, na sequência, afirma que o sujeito precisa estar “nesse processo de acompanhamento psicológico, psiquiátrico, ou pela equipe de saúde mental”, retomando uma memória que paira sobre os sujeitos trans de que são doentes mentais, assim considerados até o início de 2018.

Na mesma SD, o médico ainda discorre sobre o desejo do sujeito de o ser “no seu momento ela vai dizer se deseja ou não”, deixando transparecer que esse sujeito

tem autonomia para o ser, como se somente a sua subjetividade bastasse, o que não é verdade, como observamos anteriormente em outra análise, visto que o discurso médico serve como uma intervenção do/no sujeito para que ele seja quem ele é e saiba que é.

Ele, o médico, ainda reforça a ideia de que sujeitos trans precisam se sujeitar a cirurgias para o serem, quando afirma “algum procedimento de modificação corporal cirúrgico”, deixando o telespectador na dúvida; mas, ao citar o procedimento cirúrgico em seu dizer, marca esse ato como algo pertinente aos sujeitos trans, que precisam desse procedimento para ser o que desejam, retomando, assim, uma memória de que esses sujeitos precisam adequar-se aos parâmetros de gênero estabelecidos pela sociedade.

Portanto, o discurso médico vem tratar esses sujeitos e intervir em seus corpos para que suas existências sejam socialmente legitimadas e possivelmente aceitas, não, contudo, sem marcas de violências e preconceitos que circundam a vida dos sujeitos trans.

Assim como no discurso médico que ainda diz, dita e interdita sobre os sujeitos trans, pois é atravessado pelas ideologias presentes na sociedade heteronormativa, a próxima seção falará acerca do discurso religioso sobre os sujeitos trans, uma vez que os afeta e tenta culpabilizá-los por serem quem são.

3 DIZERES FINAIS

Quem sou eu? O título da série traz, primeiramente, um sentido de não saber de si, de autodesconhecimento, mas que pode ter servido também para que os telespectadores fizessem esse autoquestionamento sobre quem são. Principalmente, para aqueles que têm dúvidas sobre a sua sexualidade ou desconheciam formas diferentes de exercer a sexualidade, ou, simplesmente, de serem.

Outra questão que aparece no trabalho é o sujeito trans que, ao fazer parte da sociedade, é julgado por ela, excluído, mas, ao mesmo tempo em que é rejeitado, é

um sujeito que produz dizeres e sentidos para e em nome dessa sociedade, a qual acolhe e exclui, ao mesmo tempo.

Tanto a orientação sexual, a identidade sexual e a ideia do que é ser mulher, são conceitos que estão engendrados na sociedade como construções sócio-histórico-ideológicas. Conceitos enraizados nos discursos que continuam patologizando, culpabilizando e punindo o sujeito transexual, e tentando colocá-lo em um “molde” que esta mesma sociedade exige.

A ideia de que para ser mulher é preciso ter seios fartos, um corpo com silhueta, um bumbum grande e uma vagina, nunca esteve tão presente como agora, uma vez que a mídia impulsiona e condiciona a sociedade a determinado padrão do que é ser mulher, e para ser mulher esta ainda precisa ser bonita, se quiser ser aceita socialmente.

A série ainda continua afirmando que os transgêneros não sabem quem são, o que produz um imaginário social de que estas pessoas não se encaixam em uma sociedade, na qual, cada sujeito ocupa um lugar, que é pré-destinado conforme o gênero - em sua maioria -, uma vez que ser transgênero produz um significado de não pertencer a nenhum dos dois gêneros (masculino ou feminino), o sujeito transexual é um sujeito que não cabe – segundo os sentidos – em nenhum lugar da sociedade.

Como mostrado anteriormente em nosso trabalho completo de pesquisa, com base em gráficos, inclusive, o Brasil é o país que mais mata sujeitos trans no mundo. Mas, há uma questão curiosa por trás desse fato, pois o país que mais mata é o país que mais assiste a vídeos pornográficos de pessoas transexuais. Então, nós pensamos na hipótese de que talvez isso respondesse algumas indagações. A formulação de leis em nosso país fica a cargo do legislativo, em diferentes instâncias; quem as coloca em prática é o executivo, em ambas as esferas, legislativo e executivo. Também não podemos esquecer o judiciário; nós encontramos somente pessoas da classe alta da sociedade, pessoas de prestígio, que zelam pelos valores da família (heteronormativa), que querem um sociedade melhor e assim vão se edificando seus discursos que são sempre os mesmos. E o que isso tem a ver com os sujeitos

trans? Tem a ver que, possivelmente, essas pessoas de prestígio queiram, por meio da lei, ou pela falta delas, que os trans continuem à margem da sociedade como estão, pois a maioria das pessoas que fomentam o mercado da prostituição transexual são homens de família e bem-sucedidos. Diante disso, acreditamos que esses homens não queiram encontrar com um garoto de programa, com a qual “deu uma saidinha”, no shopping, quando estiver passeando com a sua família. Daí, a necessidade de manter esses sujeitos à margem da sociedade. Essa é uma das várias hipóteses em que pensamos.

Há muito que se aprender sobre as diferentes formas de ser e exercer a sexualidade e é nesses ditos e não-ditos que os sujeitos trans vão legitimando a sua existência na sociedade; aquilo que parecia ser um sujeito impossível toma forma, corpo e voz, transformando aquilo que era impossível, possível com base na língua, na linguagem, nos dizeres, nos sentidos, na existência e na resistência.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **Na Força da Idade**, v.I. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?**. Editora Brasiliense, São Paulo –SP, 2008.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª Edição, São Paulo, SP, Saraiva. 2008.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – RJ, 2003.
- CASSANA, Mônica Ferreira. **Corpo e(m) discurso: resignificando a transexualidade**. 1ª edição. Editora Appris, Curitiba – PR, 2018.
- GADET, Françoise; HAK, Tony. [1969]. **Por uma análise automática do discurso**. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Editora da Unicamp, 1997.
- MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux Textos Selecionados: Eni Puccinelli Orlandi**. 4ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.